



# WILSON MARTINS



## Antologias e os esquecidos

Seleções trazem alguns nomes excepcionais e muitos medíocres

**A** lei dos grandes números joga contra as assembléias de qualquer natureza — parlamentos, tribunais corporativos, congressos de escritores e cientistas, órgãos deliberativos, conselhos consultivos... reduzindo-lhes o gabarito intelectual e mental ao mínimo denominador comum, em lugar do máximo que sua composição parecerá garantir: o QI coletivo cai sensivelmente. Sua sabedoria não é cumulativa, suas decisões, simplificadoras.

Esse é também o efeito perverso das assembléias peculiares que são as antologias literárias, nas quais a qualidade média dos participantes é sempre inferior à dos melhores, necessariamente excepcionais, dois ou três que se destacam do grande pelotão, cuja mediocridade se torna ainda mais evidente. Ao contrário dos pressupostos implícitos de que partem, as antologias não selecionam mas acumulam, desdando-se tanto mais perfeitas quanto mais exaustivas (nos dois sentidos da palavra). Sua ambição contraditória é recuperar do esquecimento obras e autores destinados a desaparecer, e que já estavam desaparecendo na voragem do tempo, juiz implacável e irrecorrível.

A sensação angustiosa do esquecimento motivou duas antologias simultaneamente publicadas sobre a Geração de 60, que, como a de 45, reivindica o seu lugar na história pelo simples fato de haver existido num determinado milésimo cronológico, sem que, em conjunto, se identifique pelo "ismo" característico dos novos programas estéticos.

Uma delas, voltada para o passado, é claro testemunho, não de uma idade literária, mas da idade civil dos autores ("Antologia poética da Geração 60", Álvaro Alves de Faria e Carlos Felipe Moisés, orgs. São Paulo: Nankin, 2000). A outra, também organizada por Álvaro Alves de Faria, tem ambições maiores ("Brasil 2000: antologia da poesia contemporânea brasileira", São Paulo: Alma Azul, 2000).

O ano poético terminou com essas duas garrafas de náfrago, lançadas no oceano do olívio para os eventuais leitores futuros. A primeira responde a propósitos didáticos (o que se deve, creio eu, a Carlos Felipe Moisés), distinguindo quatro grupos decenais na poesia dos últimos anos: 1960-69; 1970-79; 1980-89 e 1990-99. Ou seja: a Geração de 60 teria durado quarenta anos, o que corresponde a quatro vezes o que convencionalmente se reserva para a vida útil de cada uma.

Segundo os organizadores, a poesia brasileira tem-se dividido, nas últimas décadas, "entre o palanque, o salão e o gabinete — tendências, não mais, figuras abstratas, sem existência própria. (...) Nos anos 60, sintonizada com a invulgar efervescência do período, a grandiloquência brilhou alto, relegando a segundo plano a varanda e o gabinete. Mas seu abuso permitiu que, de meados dos anos 70 ao final dos 80, este último reinasse quase absoluto, isto é, quase até à inanição absoluta. Os anos 90 assistem à revoadada geral das três tendências se não em compasso ecumênico, ao menos de entrelaçamento consentido".

Preocupações de professores e críticos. As dos leitores resumem-se numa indagação simples: é boa poesia? Bem entendido, é valor movêdico e variável, sendo "boa poesia" para alguns o que para outros será apenas "não-poesia". Contudo, as antologias não se fazem de poesia, mas de poemas, sendo essa a diferença essencial e a fonte de todas as confusões. Álvaro Alves de Faria introduz o seu volume com declarações de cada poeta sobre a sua arte, todas referentes à entidade platônica chamada poesia, não à sua "imitação" como texto escrito.

De fato, ninguém discordará de que "a poesia é um salto no escuro como o amor" ou de que "a poesia é e sempre será a revelação do real, a forma mais perfeita de conhe-

cimento, só equiparada ao conhecimento na fé, à experiência mística". Pode ser verdade, mas não deixa de ser o que se refere também à filosofia, à ciência, à religião, ao ocultismo, ou seja, é conceito que, pela generalidade, não significa nada, porque em literatura, como ficou dito, não se trata de poesia, mas de poemas.

Uma poetaisa revela que a "sua relação com a escrita, com a palavra, é uma relação apaixonada, de tensão, sensual, eu diria que até carnal, uma relação sexual, onde há atração e rejeição, orgasmo e tudo o mais".

Muito interessante, mas o que importa é saber até que ponto tanto sensualismo pessoal e intransferível interessa ao leitor e se o poema veicula de fato os transe incontraíveis. Na verdade, a leitura é um exercício puramente intelectual: não lemos com os sentidos, mas com a inteligência. Seja como for, as antologias dos novos, dos novíssimos, das gerações, das escolas, das vanguardas, destinam-se a reivindicar o reconhecimento que a impaciência dos jovens poetas e dos mestres esquecidos julga que lhes é negado e acreditam merecer.

A melhor antologia é a que fazemos para nós mesmos, conforme o título que um poeta francês escolheu para a sua, verdade fundamental que torna ociosas todas as discussões. Caso peculiar é o dos poetas que organizam seleções da própria obra, reunindo poemas pelos quais desejam ser lembrados ou permanecer na história do gênero. É o que fez Manuel Bandeira, publicando a sua em 1937, sucessivamente acrescentada por aluvião, nas edições posteriores, à medida em que apareciam novos livros. A mais recente, apresentada como "nova edição", é a 12ª, indo até "Estrela da tarde" e incorporando os "Poemas traduzidos" e "Mafuá do malungo" (Rio: Nova Fronteira, 2001).

Que significa isso? Que considerava inferiores os poemas omitidos? Longe disso! Destinada ao público amador, a escolha deve ter sido feita com agoniadas hesitações, respondendo apenas aos interesses comerciais do mundo editorial. É o Bandeira das famílias, e também obra de consulta tão boa quanto qualquer outra, subentendendo-se que servirá de motivação para a leitura da obra completa.



André Mello

### BIENAL DO LIVRO 2001

## Obra do implacável Sívio Romero, o primeiro crítico do Brasil, é relançada

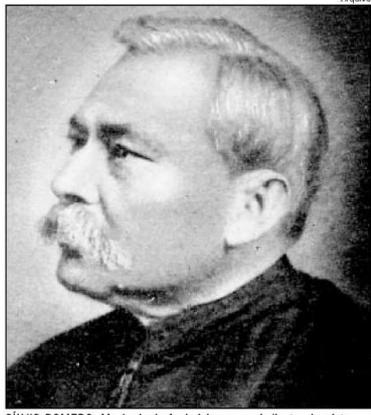
Editores preparam um caldeirão de debates e idéias para seus estandes

**O** implacável Sívio Romero, considerado o primeiro crítico literário do Brasil, está tendo sua obra relançada pela editora Imago em parceria com a Universidade Federal de Sergipe. "Compendio de literatura brasileira e história da literatura brasileira", que estará na X Bienal Internacional do Livro, é o primeiro da série de 21 volumes organizados pelo jornalista Luiz Antonio Barreto, que tem início mais de 50 livros desse intelectual nascido em Sergipe, que viveu de 1851 a 1914.

O autor está sendo homenageado com uma exposição sobre sua obra e vida na Academia Brasileira de Letras (ABL), que poderá ser vista até 1º de junho, e também a Companhia das Letras está lançando "Introdução à doutrina contra doutrina", na coleção Retratos do Brasil. O texto foi escrito por Romero para introduzir a segunda edição de "Doutrina contra doutrina", de 1895, um arrastador ataque ao positivismo. A introdução, sozinha, caracterizase como um ensaio autônomo. Nela, Romero defende o evolucionismo social e faz uma lúcida análise política dos primeiros anos da República.

Toda a sua vida, Romero não se esquivou de polémicas. Se ajudou a consagrar Euclides da Cunha, o autor teve como um de seus mais ilustres desafetos Machado de Assis. Sobre o fundador da ABL, Romero — que nunca o perdoou por Machado ter criticado negativamente seu primeiro livro de poemas, "Cantos do fim do século" — disse que "pode diluir e ilude ainda alguns ignorantes pela palavrosidade de seus períodos ocios, vazios, retortilhados e nada mais". Machado, para Romero, era "o conselheiro da comodidade letrada, o que ele quer é representar o seu papel equivocado".

Os livros de ensaio, filosofia, história continuam a ser um dos carros-chefes das edi-



SÍVIO ROMERO: Machado de Assis foi o seu mais ilustre desafeto

tores, que preparamos muitas novidades para esta Bienal.

• **INTRODUÇÃO AO BRASIL 2 UM BANQUETE NO TRÓPICO**, organizado por Laurentino Dantas Mota (Senac/SP): Nesse segundo "banquete" (o primeiro é de 1999), apresenta-se a análise de textos fundamentais para a compreensão do Brasil. São 17 resenhas, como a do historiador Ronaldo Vainas sobre "Visões de paralisso", de Sérgio Buarque de Holanda. Outros textos analisados são "Oabolicionismo", de Joaquim Nabuco; "América Latina: males de origem", de Manuel Bonfim; "História geral das bandeiras paulistas", de Afonso d'Escagnolle Taunay.

• **DESPERTA E LÊ, do espanhol Fernando Savater** (Martins Fontes): Miscelânea de textos de estilo diverso, que vão do aforismo, passando pela confissão autobiográfica à resenha crítica. Na primeira par-

te, os textos de cunho mais filosófico, em que Savater discute suas idéias de ética. No fim, seus textos mais voltados para as análises literárias.

• **O LÉXICO DE GUIMARÃES ROSA**, de Nilce Sant'Anna Martins (Edusp): Organizado com a estrutura de um dicionário, o livro congrega o vocabulário de toda a obra de Rosa, com explicações possíveis sobre seu sentido. Facilita o contato com essa obra de léxico tão enigmático e magnético.

• **INTELLECTUAIS À BRASILEIRA**, de Sérgio Miceli (Ciência & Letras): Uma análise do Brasil e de suas elites, numa reunião de livros e artigos do professor de sociologia da USP. Os textos dissecam a trama de relações pessoais e políticas que sustenta as estratégias de setores das camadas dirigentes do país. O alvo da análise são pré-modernistas e modernistas, cronistas, poetas, romancistas

profissionais e literatos de diferentes épocas que atuaram na República Velha e no período Vargas. A apresentação dos bastidores da interpretação permite acompanhar a garimpagem das fontes, a identificação de sua lógica, o estabelecimento de nexos inesperados entre materiais díspares.

• **TRÊS TEMPOS SOBRE A HISTÓRIA DA LOUCURA**, de Jacques Derrida e Michel Foucault (Relume Dumará): Livro da Coleção Conexões, que reúne dois textos de Derrida, um de 1963 e o outro de 1991, e um de Michel Foucault de 1972. No centro do debate, as questões levantadas por Derrida sobre "A história da loucura". Um duelo de titãs. Também de Derrida, na mesma coleção, será lançado "Mal de arquivo — uma impressão freudiana", ensaio sobre o futuro da psicanálise.

• **UMA ESTRANHA DITADURA**, de Viviane Forrester (Unesp): Consagrada com "O horror econômico", Viviane, crítica do jornal "Le Monde", volta a questões como a exclusão social e o mundo do trabalho.

• **FORMAÇÃO DE CIDADES NO BRASIL COLONIAL**, de Paulo F.Santos (UFRJ): Unindo as preocupações de arquiteto e historiador, Santos conta a história da arquitetura portuguesa e colonial. Trabalho apresentado em 1968, com 60 ilustrações.

• **SÃO FRANCISCO DE ASSIS**, de Jacques Le Goff (Record): Quatro ensaios do historiador francês sobre o primeiro santo moderno da Igreja Católica.

• **O BRASIL NO ESPAÇO**, de José Luis Fiori (Vozes): Livro da coleção O à Esquerda, com textos de análise da conjuntura nacional e internacional, com críticas ao neoliberalismo e ao conservadorismo.

## O menino de engenho que virou um escritor

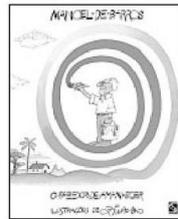
Lançamentos para crianças trazem lendas medievais e indígenas e fábulas modernas



O LIVRO sobre José Lins do Rego



CAPA DO "Grande ou pequena"



AMANHECER de Manoel de Barros



ARTUR e Lancelote para os jovens

**N**ão há bienal sem criança, obviamente. Sem contadores de histórias, sem escolares andando com seus uniformes brancos e azuis pelos corredores, sem lançamentos de livros infantis. E nesta décima edição da Bienal do Rio os livros para os pequenos leitores, que os formariam como adultos, não poderiam faltar. Ana Maria Machado está presente com sua arte e engenho, escrevendo sobre José Lins do Rego. Seu livro "O menino que virou escritor" (José Olympio) é um retrato apaixonado da vida nos engenhos, vista pelo olho de um menino criado por tia e avós.

Unindo-se ao "maluquinho" Ziraldo, Manoel de Barros, que na primavera de 2000 redescobriu o amor e resolveu escrever para as crianças. Fez uma outra travessura poética que poderá acabar gerando novo prêmio para si e para a editora Salamandra. Trata-se de "O fazedor do amanhecer". A Salamandra tem ainda outro grande trunfo no tocante a seu público infantojuvenil: "O casamento entre o céu e a terra", de Leonardo Boff. São 35 mitos indígenas recontados em prosa poética. O livro traz ainda uma denúncia de Boff contra o massacre histórico dos índios.

A cavalaria e suas histórias míticas são o tema de "As mais belas lendas da Idade Média", delicada edição da Martins Fontes. Artur, Guinevere, Lancelote e Roland surgem no texto e em verdes ilustrações. Em "Grande e pequena", de Beatriz Meirelles, editado pela Scipione, com ilustrações de Alda Cassiano, a autora brinca com a difícil situação da criança ser pequinha para algumas coisas, mas já grande o suficiente para outras. Chupar chupeta, por exemplo. Em em "Sapos não andam de skate", de Jon Sleszczka e Lane Smith, da Companhia das Letras, as crianças aprendem conceitos morais em novas e divertidas fábulas. Mais há mais, muito mais. Vá a Bienal e descubra.

